



Affonso Romano de Sant'Anna

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

santanna@novanet.com.br

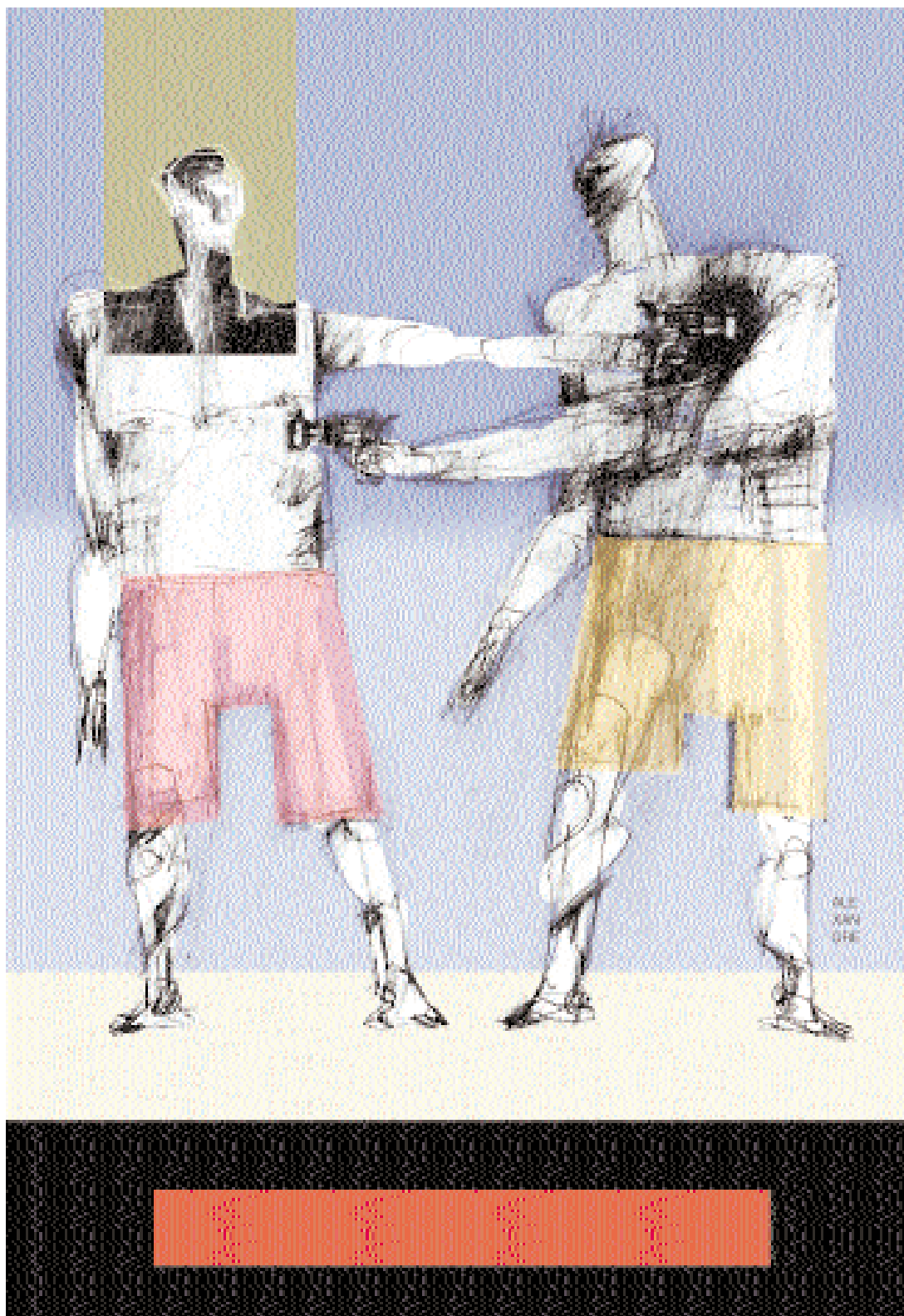
“OS BANDIDOS, QUE JÁ DERAM PROVAS DE QUE CONTROLAM NÃO APENAS BAIRROS E FAVELAS, MAS VÁRIOS PRESIDIOS DO PAÍS, DIA E NOITE SINALIZAM NOVOS AVANÇOS”

● SEGUNDA-FEIRA - Alcione Araújo e Fernando Sabino
● TERÇA-FEIRA - Roberto Drummond
● QUARTA-FEIRA - Fernando Brant
● QUINTA-FEIRA - Frei Betto
● SEXTA-FEIRA - Chico Amaral
● SÁBADO - Cyro Siqueira
● DOMINGO - Affonso Romano de Sant'Anna

O piscinão colombiano

Vocês certamente já ouviram falar do piscinão de Ramos. Como a praia de Ramos é ultrapoluída, resolveram cavar na sua areia uma espécie de lago, por onde diariamente entra e sai a água do mar. Só que a água é tratada e, por isto, tem menos coliformes fecais. Pois o piscinão de Ramos virou o grande hit de verão, dessa cidade que nessa temporada tem que inventar jornalística e turisticamente alguma coisa. Essas coisas geralmente vinham de Ipanema, mas agora os subúrbios se impuseram. Teria a garota de Ipanema, então, sido substituída pela garota de Ramos. Antes fosse. Foi substituída pelos traficantes que tentam controlar o piscinão. Isto se dá por dois motivos: Ali corre muito dinheiro nas barraquinhas de praia. Mas é também questão de territorialidade. Como os cães, que se assenhoram dos espaços fazendo pipi e cocô aqui e ali, um grupo de traficantes começou a pichar muros, decretar o que se podia fazer ou não, chegando até a estabelecer que ninguém ali podia usar maiô ou qualquer roupa vermelha, que é a cor dos traficantes adversários. Surgiu uma guerra narcocromática. Pode usar azul? Amarelo? Pode, não pode. Resultado: os jornais publicaram uma foto onde não apenas mulheres e crianças, obedecendo a uma das facções, estão nas ruas da favela vestidas de vermelho, mas até um cachorro vem revestido dessa bandeira.

Sei que daqui a pouco vai haver piscinão em Botafogo, Flamengo, Barra, porque as praias estão poluídas e resolveram, em vez de tratá-las, criar alternativa. Sei que assim como o Brasil inteiro adotou o modelo cario-



ca do Canecão e do Sambódromo (há sambódromo até em São Paulo e Manaus), daqui a pouco haverá piscinão em Paraopeba e Santa Rita do Passa-Quatro. Mas não é isto que me preocupa. Quanto mais alegria para o povo, melhor.

O problema é outro. E aqui começo a falar da Colômbia e das Farc. A gente lê sobre as patéticas notícias naquele país, e pensa: como é que pode ter um país assim, onde quase a metade está na mão de guerrilheiros que vivem de seqüestros? Como é que pode o presidente colombiano parlamentar com guerrilheiros que negociam cocaína e com a presença de representantes de dez países, além da ONU?

Estive na Colômbia inúmeras vezes na década passada e pensava: inda bem que o Brasil não é assim. Pensava. Não penso mais. Assim como São Paulo prende 10 mil bandidos por mês e não tem onde botá-los, e teve no ano passado mais de 300 pessoas seqüestradas, o piscinão de Ramos prova que estamos mais perto da Colômbia do que pensávamos. Os bandidos, que já deram provas de que controlam não apenas bairros e favelas, mas vários presídios do País, dia e noite sinalizam novos avanços. E o que é pior, estão conseguindo institucionalizar seu poder.

Quando comecei a vir ao Rio nos anos 50 não era assim. A relação com o mar e com a praia era idílica. Alguém vai lembrar que o descalabro não é só no Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, as escolas têm detetores de metais para apreender armas de alunos, e volta e meia há fuzilarias matando professores e alunos. É um horror. Mas eu não vivo lá, e não posso fazer nada. Vivo aqui no Brasil. Ou será que me enganei e há muito vivo na Colômbia e não me dei conta?

VELUDO & PLUTÃO

Agradeço aos leitores que, em meu socorro, enviaram não só o antológico poema sobre o cão Veludo, mas até me lembraram do poema Plutão, de Bilac, que também se declamava nas escolas. Neste também o animal também morre de amor por seu dono.

EDUCAÇÃO

PROJETO “CANTANDO A HISTÓRIA DO SAMBA” ENVOLVE ALUNOS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL NO RESGATE DA CULTURA NACIONAL

SAMBA É ASSUNTO PARA A ESCOLA

AUGUSTO PIO

Criado pela cantora, contadora de histórias e educadora mineira Elzelina Dóris, o projeto *Cantando a história do samba* tem como proposta levar até os alunos das escolas municipais e estaduais uma parte da cultura mineira. “O trabalho consiste em promover oficinas de sensibilização com os alunos, despertando o interesse para o conhecimento da nossa história cultural. A proposta não é mudar o gosto musical dos alunos, e sim apresentar uma opção desconhecida para eles”, explica Dóris. Em 2 de fevereiro, o projeto será levado à comunidade do Alto Vera Cruz, em parceria com o Centro de Estudo, Referência e Prática da Capoeira Angola – Cerprática. Aprovado pelas leis federal e estadual, o projeto está sendo muito bem aceito, de acordo com a própria Elzelina Dóris.

Sobre a criação do projeto, Dóris lembra que percebeu que os jovens não tinham conhecimento da história musical brasileira, principalmente do samba. “Pensei num projeto que pudesse unir a informação a um show musical. Comecei a desenvolvê-lo e pensei também numa forma de introduzi-lo nas escolas e comunidades. A idéia era apresentar o projeto às escolas e formei uma equipe que iria trabalhar junto aos professores, dando sugestões dentro de cada matéria”, lembra.

A partir daí, Dóris criou uma equipe que trabalha junto aos professores e alunos. São eles Elaine Dayse (comunicadora, educadora, artista plástica e coordenadora da equipe), Benilda Regina (psicopedagoga),

Aparecida Reis (historiadora), Júnior (educador), Edna (educadora) e Marcos Cardoso (filósofo). Elaine Dayse conta que o trabalho já foi realizado em nove escolas municipais e estaduais. “O resultado tem sido muito positivo, pois temos recebido um ótimo *feedback* das escolas e dos alunos, cumprimentando-nos pelo projeto”, conta Elaine Dayse.

Dóris explica que o trabalho demora em média um mês para ser desenvolvido nas escolas, e o encerramento é feito com um show musical dos alunos da escola indica. “Cedemos material de pesquisa – uma apostila e um CD, com músicas como *Pelo Telefone* (Donga), *Agoniza mas não morre* (Nelson Sargento), *Não deixe o samba morrer* (Edson), *Folhas Secas* (Nelson Cavaquinho), *Sei lá Manqueira* (Paulinho da Viola) e *Tive Sim e As rosas não falam* (Cartola), entre outras. Sugerimos aos professores que cada aluno escolha um compositor antigo para trabalhar. Os alunos pesquisam com os pais e com o material que deixamos. É legal também que isso forma inclusive uma integração familiar”.

Elaine Dayse observa que os alunos só conhecem o que está na mídia, autores e cantores como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e o grupo Fundo de Quintal. “Na verdade, fazemos um diferencial do samba e do pagode, chamando a atenção para o compromisso social, a elaboração das letras e o texto poético”, diz. Segundo Ednéia Lopes Ferreira, vice-diretora da Escola Estadual Gervásio Lara, “do ponto de vista pedagógico, o aluno convive num ambiente escolar com uma diversidade



EDUCADORA

Elzelina Dóris criou e desenvolve o projeto de resgate da história do samba nas escolas

JÁ ATENDIDAS PELO PROJETO

- Escola Estadual Gervásio Lara
- Escola Municipal Santa Luzia
- Escola Estadual Geraldo Teixeira da Costa
- Escola Municipal Paulo Freire
- Escola Estadual Padre Francisco
- Escola Estadual Geraldina Soares
- Escola Estadual Padre Anchieta (ES)
- Escola Municipal Agenor Alves
- Comunidade do Conjunto Zilah Spósito

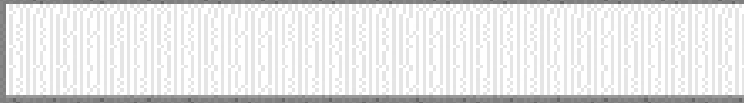
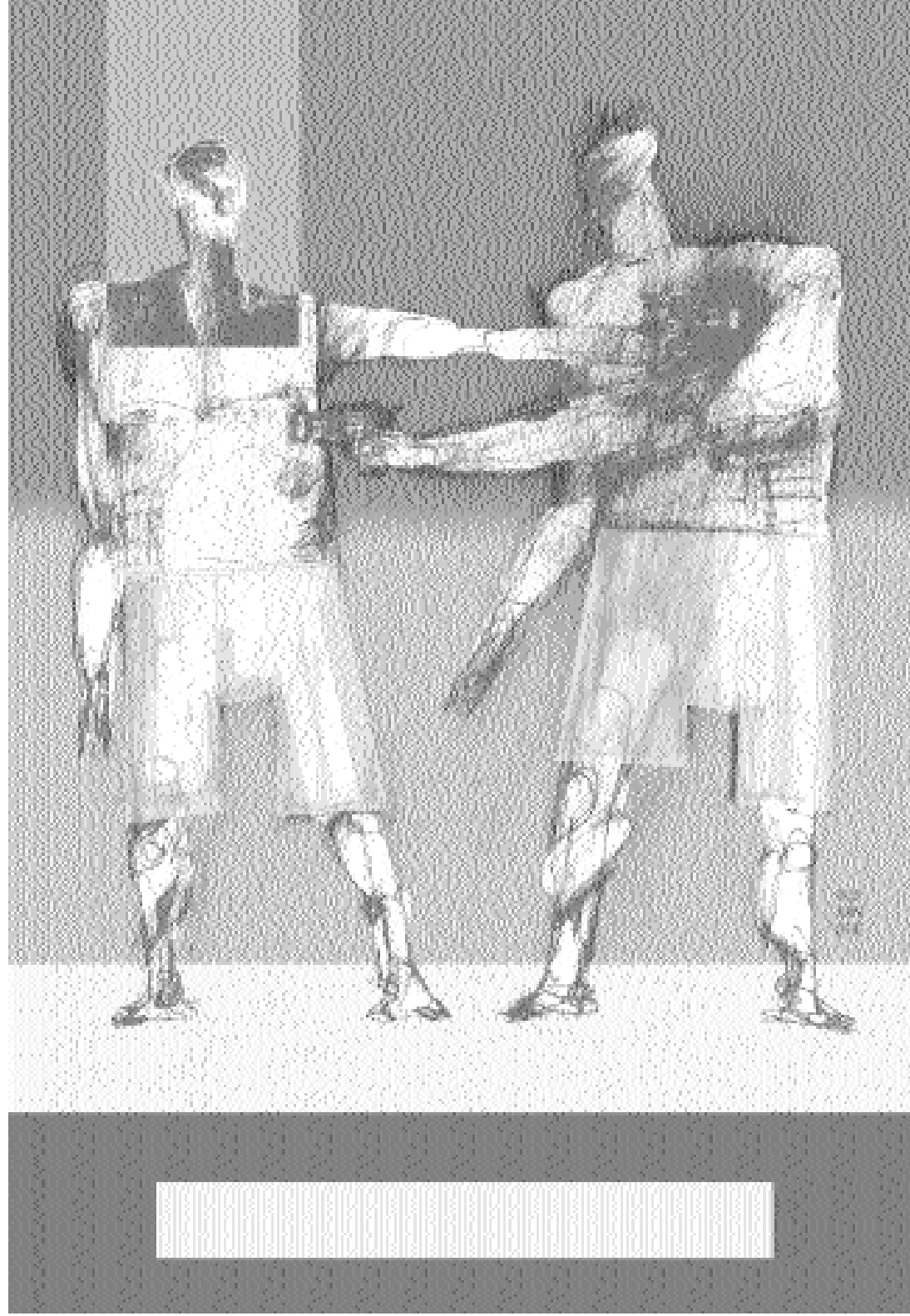
cultural imensa, e cabe à escola divulgar e ensinar os alunos a lidar com elas. Como contribuição para o samba, o projeto proporciona às pessoas redescobrir o samba e conhecer parte da nossa história musical, hoje esquecida, dando lugar a algumas músicas com letras evasivas e sem compromisso”. Já Cássia Carvalho, diretora da Escola Geraldo Teixeira da Costa, em Santa Luzia, diz que “o interessante é que os alunos, mesmo sem o envolvimento do professor responsável na seleção da música, buscam recursos para representar a turma. Isso vem provar que o interesse do aluno é grande”.

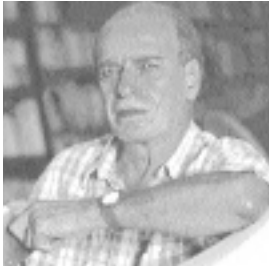
A idealizadora do *Cantando a história do samba* explica que, “ao término do projeto, a escola recebe um certificado de participação porque ele está dentro dos parâmetros curriculares”. Nos shows, segundo Elzelina Dóris, o grupo interpreta desde o primeiro samba gravado a fazer sucesso – *Pelo Telefone*, de Donga, do final de 1916 – até feras como Cartola, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho, Nelson Sargento, as intérpretes Beth Carvalho e Clara Nunes, Ary Barroso, Ataulfo Alves, Paulinho da Viola e Zeca Pagodinho.

As escolas interessadas no projeto *Cantando a história do samba* podem entrar em contato com Elzelina Dóris pelo 9974-3289 ou com Elaine Dayse (3412-3761).

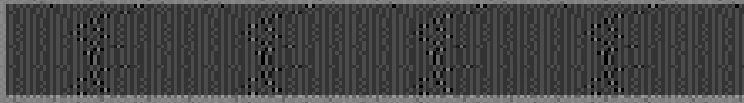
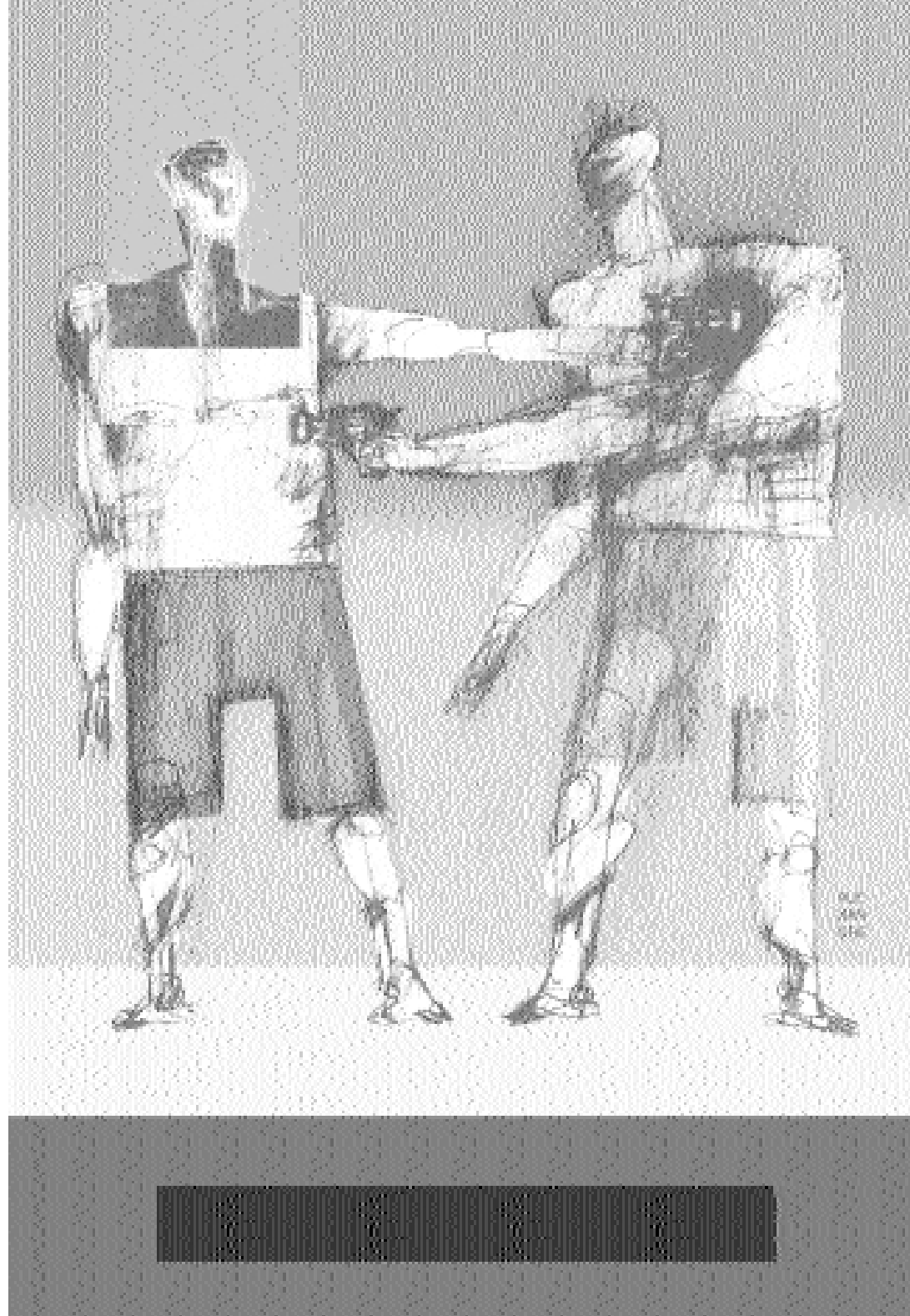


After photos & lunch



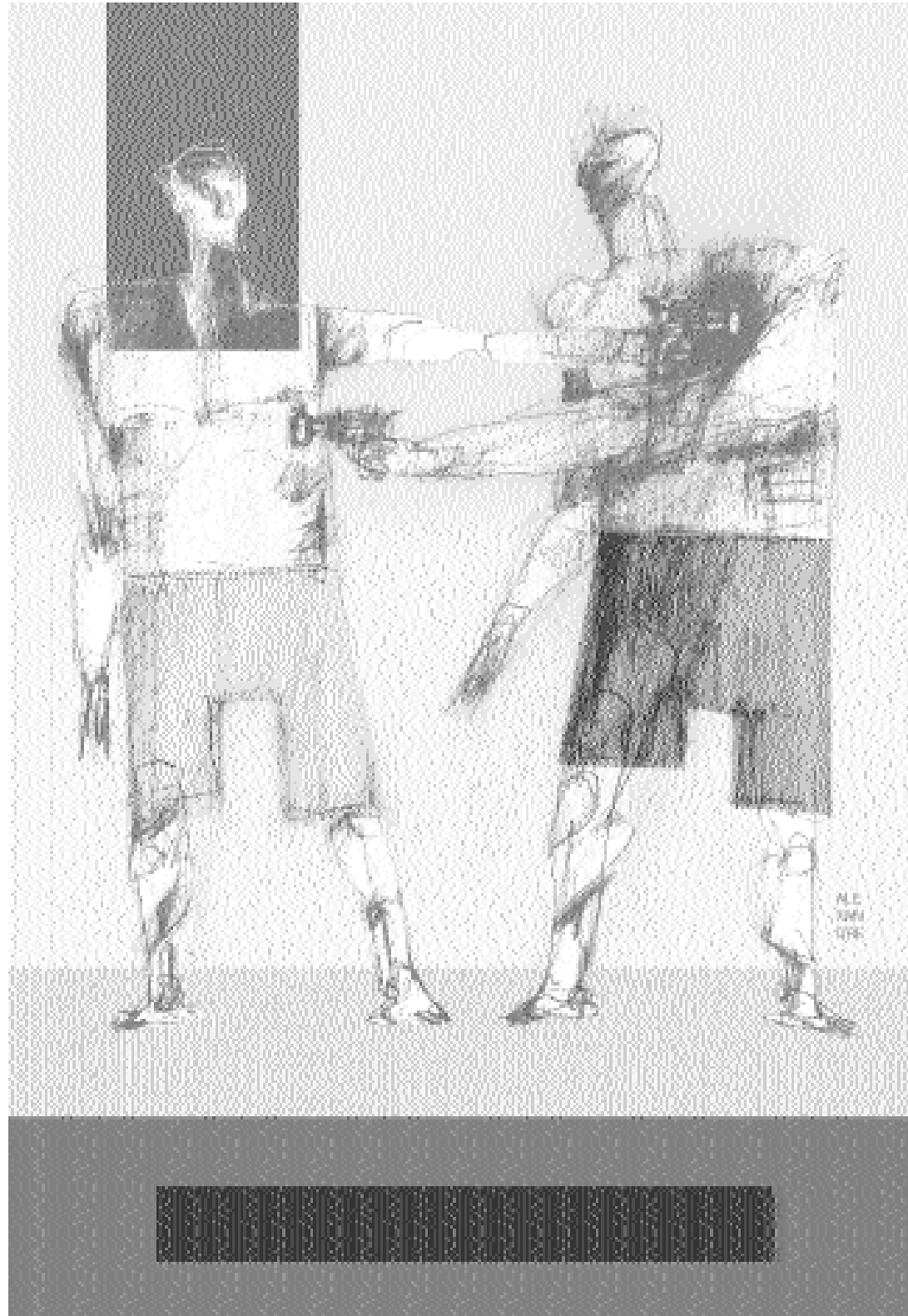


After famous in book





Após fome e sede





Affonso Romano de Sant'Anna

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

santanna@novanet.com.br

“OS BANDIDOS, QUE JÁ DERAM PROVAS DE QUE CONTROLAM NÃO APENAS BAIRROS E FAVELAS, MAS VÁRIOS PRESIDIOS DO PAÍS, DIA E NOITE SINALIZAM NOVOS AVANÇOS”

● SEGUNDA-FEIRA - Alcione Araújo e Fernando Sabino
● TERÇA-FEIRA - Roberto Drummond
● QUARTA-FEIRA - Fernando Brant
● QUINTA-FEIRA - Frei Betto
● SEXTA-FEIRA - Chico Amaral
● SÁBADO - Cyro Siqueira
● DOMINGO - Affonso Romano de Sant'Anna

O piscinão colombiano

Vocês certamente já ouviram falar do piscinão de Ramos. Como a praia de Ramos é ultrapoluída, resolveram cavar na sua areia uma espécie de lago, por onde diariamente entra e sai a água do mar. Só que a água é tratada e, por isto, tem menos coliformes fecais. Pois o piscinão de Ramos virou o grande hit de verão, dessa cidade que nessa temporada tem que inventar jornalística e turisticamente alguma coisa. Essas coisas geralmente vinham de Ipanema, mas agora os subúrbios se impuseram. Teria a garota de Ipanema, então, sido substituída pela garota de Ramos. Antes fosse. Foi substituída pelos traficantes que tentam controlar o piscinão. Isto se dá por dois motivos: Ali corre muito dinheiro nas barraquinhas de praia. Mas é também questão de territorialidade. Como os cães, que se assenhoram dos espaços fazendo pipi e cocô aqui e ali, um grupo de traficantes começou a pichar muros, decretar o que se podia fazer ou não, chegando até a estabelecer que ninguém ali podia usar maiô ou qualquer roupa vermelha, que é a cor dos traficantes adversários. Surgiu uma guerra narcocromática. Pode usar azul? Amarelo? Pode, não pode. Resultado: os jornais publicaram uma foto onde não apenas mulheres e crianças, obedecendo a uma das facções, estão nas ruas da favela vestidas de vermelho, mas até um cachorro vem revestido dessa bandeira.

Sei que daqui a pouco vai haver piscinão em Botafogo, Flamengo, Barra, porque as praias estão poluídas e resolveram, em vez de tratá-las, criar alternativa. Sei que assim como o Brasil inteiro adotou o modelo cario-



ca do Canecão e do Sambódromo (há sambódromo até em São Paulo e Manaus), daqui a pouco haverá piscinão em Paraopeba e Santa Rita do Passa-Quatro. Mas não é isto que me preocupa. Quanto mais alegria para o povo, melhor.

O problema é outro. E aqui começo a falar da Colômbia e das Farc. A gente lê sobre as patéticas notícias naquele país, e pensa: como é que pode ter um país assim, onde quase a metade está na mão de guerrilheiros que vivem de seqüestros? Como é que pode o presidente colombiano parlamentar com guerrilheiros que negociam cocaína e com a presença de representantes de dez países, além da ONU?

Estive na Colômbia inúmeras vezes na década passada e pensava: inda bem que o Brasil não é assim. Pensava. Não penso mais. Assim como São Paulo prende 10 mil bandidos por mês e não tem onde botá-los, e teve no ano passado mais de 300 pessoas seqüestradas, o piscinão de Ramos prova que estamos mais perto da Colômbia do que pensávamos. Os bandidos, que já deram provas de que controlam não apenas bairros e favelas, mas vários presídios do País, dia e noite sinalizam novos avanços. E o que é pior, estão conseguindo institucionalizar seu poder.

Quando comecei a vir ao Rio nos anos 50 não era assim. A relação com o mar e com a praia era idílica. Alguém vai lembrar que o descalabro não é só no Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, as escolas têm detetores de metais para apreender armas de alunos, e volta e meia há fuzilarias matando professores e alunos. É um horror. Mas eu não vivo lá, e não posso fazer nada. Vivo aqui no Brasil. Ou será que me enganei e há muito vivo na Colômbia e não me dei conta?

VELUDO & PLUTÃO

Agradeço aos leitores que, em meu socorro, enviaram não só o antológico poema sobre o cão Veludo, mas até me lembraram do poema Plutão, de Bilac, que também se declamava nas escolas. Neste também o animal também morre de amor por seu dono.

EDUCAÇÃO

PROJETO “CANTANDO A HISTÓRIA DO SAMBA” ENVOLVE ALUNOS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL NO RESGATE DA CULTURA NACIONAL

SAMBA É ASSUNTO PARA A ESCOLA

AUGUSTO PIO

Criado pela cantora, contadora de histórias e educadora mineira Elzelina Dóris, o projeto *Cantando a história do samba* tem como proposta levar até os alunos das escolas municipais e estaduais uma parte da cultura mineira. “O trabalho consiste em promover oficinas de sensibilização com os alunos, despertando o interesse para o conhecimento da nossa história cultural. A proposta não é mudar o gosto musical dos alunos, e sim apresentar uma opção desconhecida para eles”, explica Dóris. Em 2 de fevereiro, o projeto será levado à comunidade do Alto Vera Cruz, em parceria com o Centro de Estudo, Referência e Prática da Capoeira Angola – Cerprática. Aprovado pelas leis federal e estadual, o projeto está sendo muito bem aceito, de acordo com a própria Elzelina Dóris.

Sobre a criação do projeto, Dóris lembra que percebeu que os jovens não tinham conhecimento da história musical brasileira, principalmente do samba. “Pensei num projeto que pudesse unir a informação a um show musical. Comecei a desenvolvê-lo e pensei também numa forma de introduzi-lo nas escolas e comunidades. A idéia era apresentar o projeto às escolas e formei uma equipe que iria trabalhar junto aos professores, dando sugestões dentro de cada matéria”, lembra.

A partir daí, Dóris criou uma equipe que trabalha junto aos professores e alunos. São eles Elaine Dayse (comunicadora, educadora, artista plástica e coordenadora da equipe), Benilda Regina (psicopedagoga),

Aparecida Reis (historiadora), Júnior (educador), Edna (educadora) e Marcos Cardoso (filósofo). Elaine Dayse conta que o trabalho já foi realizado em nove escolas municipais e estaduais. “O resultado tem sido muito positivo, pois temos recebido um ótimo *feedback* das escolas e dos alunos, cumprimentando-nos pelo projeto”, conta Elaine Dayse.

Dóris explica que o trabalho demora em média um mês para ser desenvolvido nas escolas, e o encerramento é feito com um show musical dos alunos de cada escola. “Cedemos material de pesquisa – uma apostila e um CD, com músicas como *Pelo Telefone* (Donga), *Agoniza mas não morre* (Nelson Sargento), *Não deixe o samba morrer* (Edson), *Folhas Secas* (Nelson Cavaquinho), *Sei lá Manguera* (Paulinho da Viola) e *Tive Sim e As rosas não falam* (Cartola), entre outras. Sugerimos aos professores que cada aluno escolha um compositor antigo para trabalhar. Os alunos pesquisam com os pais e com o material que deixamos. É legal também que isso forma inclusive uma integração familiar”.

Elaine Dayse observa que os alunos só conhecem o que está na mídia, autores e cantores como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e o grupo Fundo de Quintal. “Na verdade, fazemos um diferencial do samba e do pagode, chamando a atenção para o compromisso social, a elaboração das letras e o texto poético”, diz. Segundo Ednéia Lopes Ferreira, vice-diretora da Escola Estadual Gervásio Lara, “do ponto de vista pedagógico, o aluno convive num ambiente escolar com uma diversidade



CARLOS ALTMAN

EDUCADORA

Elzelina Dóris criou e desenvolve o projeto de resgate da história do samba nas escolas

JÁ ATENDIDAS PELO PROJETO

- Escola Estadual Gervásio Lara
- Escola Municipal Santa Luzia
- Escola Estadual Geraldo Teixeira da Costa
- Escola Municipal Paulo Freire
- Escola Estadual Padre Francisco
- Escola Estadual Geraldina Soares
- Escola Estadual Padre Anchieta (ES)
- Escola Municipal Agenor Alves
- Comunidade do Conjunto Zilah Spósito

cultural imensa, e cabe à escola divulgar e ensinar os alunos a lidar com elas. Como contribuição para o samba, o projeto proporciona às pessoas redescobrir o samba e conhecer parte da nossa história musical, hoje esquecida, dando lugar a algumas músicas com letras evasivas e sem compromisso”. Já Cássia Carvalho, diretora da Escola Geraldo Teixeira da Costa, em Santa Luzia, diz que “o interessante é que os alunos, mesmo sem o envolvimento do professor responsável na seleção da música, buscam recursos para representar a turma. Isso vem provar que o interesse do aluno é grande”.

A idealizadora do *Cantando a história do samba* explica que, “ao término do projeto, a escola recebe um certificado de participação porque ele está dentro dos parâmetros curriculares”. Nos shows, segundo Elzelina Dóris, o grupo interpreta desde o primeiro samba gravado a fazer sucesso – *Pelo Telefone*, de Donga, do final de 1916 – até feras como Cartola, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho, Nelson Sargento, as intérpretes Beth Carvalho e Clara Nunes, Ary Barroso, Ataulfo Alves, Paulinho da Viola e Zeca Pagodinho.

As escolas interessadas no projeto *Cantando a história do samba* podem entrarem em contato com Elzelina Dóris pelo 9974-3289 ou com Elaine Dayse (3412-3761).